

EPISTEMOLOGIAS GEOGRÁFICAS NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO: UM OLHAR A PARTIR DO ASSENTAMENTO CHICO MENDES I EM PRESIDENTE MÉDICI – RONDÔNIA

EPISTEMOLOGÍAS GEOGRÁFICAS EN LA CONSTRUCCIÓN DE GÉNERO: UNA VISTA DESDE EL ACUERDO CHICO MENDES I EN PRESIDENTE MEDICI - RONDÔNIA

Alessandro Sergio Bezerra¹

Maria Madalena Lemes Mendes Moreira²

Resumo

Este artigo tem como objetivo evidenciar a ausência de pesquisas e publicações científicas no assentamento Chico Mendes I, que visibilize a participação das mulheres camponesas, desde a liderança comunitária, participação na escola, participação nas associações rurais do assentamento. Esta pesquisa se desenvolveu por meio de levantamento bibliográfico de 2010 até 2021, onde foi analisada também a importância de se desenvolver pesquisas que valorize a participação das mulheres camponesas no meio rural e em todos os segmentos, como na política, na escola, na associação, na igreja e em movimentos sociais do campo, para desta forma contribuir com ideias e sugestões que seja pensado e planejado por mulheres do campo para mulheres do campo. Da mesma forma, por meio deste estudo, outros (as) pesquisadores (as) poderão aumentar o repertório bibliográfico e produzir novas pesquisas evidenciando o gênero feminino em diversas áreas, inclusive nos assentamentos rurais.

Palavra-chave: Produções acadêmicas; Gênero; Mulheres Camponesas.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo resaltar la falta de investigaciones científicas y publicaciones en el asentamiento Chico Mendes I, lo que evidencia la participación de las mujeres campesinas, desde el liderazgo comunitario, la participación en la escuela, la participación en las asociaciones rurales del asentamiento. Esta investigación se desarrollará a través de un relevamiento bibliográfico de 2010 a 2021, que también analizará la importancia de desarrollar investigaciones que valoren la participación de la mujer rural en el medio rural y en todos los segmentos, como política, escuelas, asociaciones, en el Iglesia y en los movimientos sociales rurales, con el fin de aportar ideas y sugerencias pensadas y planificadas por las mujeres rurales para las mujeres rurales. Asimismo, a través de este estudio, otros investigadores podrán incrementar el repertorio bibliográfico y producir nuevas investigaciones destacando el género femenino en varias áreas, incluidos los asentamientos rurales.

Palabra clave: Producciones Académicas; Género; Mujeres Campesinas.

1.Problematização

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisador do Grupo de Estudos em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO. E mail: alessandro.uab@gmail.com

² Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO. E Mail: mariamadalena_mendes@hotmail.com

O assentamento Chico Mendes, foi resultado de um movimento organizado por homens e mulheres militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra- MST que buscavam a posse da terra. Localiza-se no município de Presidente Médici/RO, que por sua vez é caracterizado por uma área que abrange 1.758,465 km², com uma população de 18.571 habitantes e densidade demográfica de 12,69 hab./km², região geográfica Amazônia, entre os municípios de Ji-Paraná e Cacoal (IBGE, 2020).

Compreende a mesorregião leste Rondoniense e microrregião IV formada pelos municípios de Jarú, Ji-Paraná, Ouro Preto d'Oeste, Presidente Médici, Governador Jorge Teixeira, Mirante da Serra, Nova União, Teixeirópolis, Theobroma, Urupá e Vale do Paraíso, localizada, na região central do estado, a 409 km da capital do Porto Velho (IBGE, 2020).

Os limites territoriais do município, definidos pela Lei nº 604, de 10 de abril de 1995, última data de alteração da sua área são: Ao norte, com o município de Ji-Paraná; ao sul, com o município de Castanheiras; a leste, com o município de Ministro Andreazza; e a oeste, com os municípios de Ji-Paraná e Alvorada d'Oeste, o município tem os seguintes distritos: Estrela de Rondônia, Novo Riachuelo, Boa Esperança, Bandeira Branca, Vila Camargo.

O Projeto Integrado de Colonização – PIC (Ouro Preto), deu início a formação de Presidente Médici na década de 1970, promovido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -INCRA. O assentamento Chico Mendes, foi resultado de um movimento organizado por homens e mulheres militantes do MST que buscaram a posse da terra, composto por 241 famílias distribuídas em Chico Mendes I, II e III, totalizando oito agrovilas.

Como objetivo, esta pesquisa foi evidenciar a escassez de trabalhos científicos que falem sobre gênero em assentamentos de Rondônia, mais especificamente no Assentamento Chico Mendes I, objeto da pesquisa.

Sendo necessário relacionar o Método com a técnica que, segundo Marradi (2002) vamos precisar investigar nosso sujeito da pesquisa como algo que pode nos surpreender. E a pesquisa científica é exatamente isso, mesmo utilizando métodos e técnicas iguais, os resultados serão diferentes, considerando a individualidade e a relação entre pesquisador/a e o fenômeno a ser pesquisado/a. Portanto, a escolha do método precisa ser consciente, racional e estruturada numa base epistemológica segura.

Dessa forma, decidimos utilizar como método o fenomenológico, a partir de Husserl (1986), e segundo ele, só é possível compreender os fenômenos através de um caminho: primeiro, entender o sentido das coisas, mesmo que nem tudo se apresente como compreensível e refletir como é o sujeito que busca o sentido ou sua essência humana.

Escolhido um método, a abordagem metodológica que melhor se aplica neste estudo, é a pesquisa qualitativa. Segundo, Gunter (2006) faz uma referência sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa, há uma afirmação de que a pesquisa qualitativa há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados, já na pesquisa quantitativa, esses fatores não são consideradas fontes de influência. Mas, o autor faz um questionamento, “Será mesmo?”.

Na visão de Gunter (2006), a questão não é se valores influenciam comportamentos e estados subjetivos, inclusive os valores do cientista. O que se coloca é como lidar com esta influência no contexto da pesquisa - seja ela qualitativa ou quantitativa. Nesse âmbito, se tratando de um levantamento bibliográfico, este artigo se trata de uma pesquisa qualitativa,

no intuito de interpretar os dados levantados e acreditar que melhor vai contribuir para a compreensão do fenômeno a ser pesquisado.

Durante o levantamento bibliográfico, foram encontradas inúmeras produções científicas relacionadas aos Assentamentos Chico Mendes I, II e III, destas produções, nenhuma pautava “a temática de Gênero ou a condição feminina” como categoria de análise, ou seja, não abordava temáticas exclusivas feministas, mas as produções destacadas neste artigo vão trazer recortes onde as mulheres foram apenas citadas, e/ou abordados em pequenas pautas de seus interesses, como a exemplo a relação de trabalho, composição da renda familiar.

Para tanto, além de evidenciar a falta de pesquisas sobre Gênero em assentamentos rurais, esta pesquisa vai apresentar sugestões de leituras sobre a temática a fim de contribuir com ideias para formulação de novas epistemologias, com quebras de paradigma e novas interseccionalidades referentes à mulher em todos os contextos sociais, inclusive em assentamentos rurais.

Destarte, o presente artigo aponta como temática central: Quais as contribuições da luta feminina para o Assentamento Chico Mendes I, e qual a importância em visibilizar e registrar o papel da mulher camponesa nesta transição de acampamento para assentamento?

2. Desenvolvimento

2.1 Estudos de Gênero no Brasil

O meio acadêmico em tempos passados sempre foi dominado, e frequentado exclusivamente por homens, a história traz fatos onde a descoberta científica feminina precisavam do nome de um homem para a publicação, pois às mulheres eram limitadas a servir ao esposo e aos filhos, SANTOS (2020) afirma que o sistema patriarcal, no qual os homens são dominantes e as mulheres são dominadas e com isso sofrem discriminações, são marginalizadas e violentadas por serem mulheres, condição esta que se agrava de acordo com a sua sexualidade, classe, etnia, raça, etc.

Neste sentido, numa abordagem Interseccional, conforme SILVA & SILVA (2014), abordam em sua obra *Introduzindo as Interseccionalidades como um desafio para Análise Espacial no Brasil: Em Direção a Pluridiversidade do Saber Geográfico*, apontam para além das questões de gênero, sendo que para a mulher negra em condições socioeconômicas desprivilegiada tudo se torna ainda mais difícil, pois para além das questões de gênero ainda sofrem discriminação, restando espaços de trabalho e sobrevivência precarizados, onde se apresentam maior índice de violência contra a mulher.

No Capítulo de livro intitulado “*Não Exclua Metade da Humanidade da Geografia Humana*”, MONK; HANSON (1982) questionam a falta de publicações sobre a temática de gênero, evidenciam a efetiva participação masculina, e o apreço por parte de pesquisadores das ciências geográficas em pesquisar paisagem, as dimensões espaciais das classes sociais, em contrapartida negligenciam a importância dos papéis sociais, certo de que esses espaços são constituídos por seres humanos, para além de números, com suas peculiaridades, especificidades e ao mesmo tempo explica a falta de mulheres nas ciências, trazendo a reflexão se o que os homens têm pesquisado, pensado e publicado interessa e representa as relações de gênero, contempla suas especificidades enquanto mulher.

Incluir a participação da mulher na pesquisa acadêmica e ao mesmo tempo ampliar espaços enquanto pesquisadoras é de suma importância, tendo em vista que, por muito tempo foi retirado das mulheres o direito a uma vida acadêmica e de pesquisa. Analisando a história, não faz muito tempo o acesso das mulheres efetivas na pesquisa, diante disso, pode-se observar que a prática em desenvolver pesquisas voltadas para retratar a condição da mulher na sociedade ainda é escassa.

Os estudos com a temática de gênero no Brasil teve um novo rumo após os anos 80, mas a partir dos meados da década de 70, ainda sob o regime militar, pesquisadoras já levantavam pautas de grande importância para as mulheres, como por exemplo, em relação a custos das creches e um começo de busca por espaços no meio político.

Vale ressaltar, a importância dos diferentes movimentos sociais, SILVA (2000), em seu artigo publicado na *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Intitulado: “Os estudos de gênero no Brasil, algumas considerações”. Cita alguns Movimentos sociais que consideram mais expressivos como: anticoloniais, étnicos, raciais, de homossexuais, ecológicos e de mulheres.

Para a autora, estes estudos despontam e modificam lugares e mentalidades, uma composição de movimentos sociais, extrapolam limites impostos por uma sociedade dominante numa visão eurocêntrica, onde o mundo se divide entre homens chefes de família e a mulher a que cuida da família e da casa, e ao mesmo tempo despontam para uma busca por superar esses paradigmas de uma sociedade homogênea, em relação ao sexo, costumes e crenças, etc.

No meio rural, ainda é muito forte essa divisão de papéis em um ambiente familiar, superar essa visão de trabalho no campo, permite um novo horizonte. A mulher camponesa que passa a compreender a importância da sua atividade, seja no lar, ou em qualquer lugar na propriedade, e que este trabalho não é complementação de renda familiar, mas sim um conjunto, ela rompe com estereótipos de uma sociedade machista e arcaica e passa na maioria das vezes a ser vista como uma transgressora dos deveres, além de ser excluída socialmente por meio do preconceito.

Rosa Ester Rossini é a primeira mulher a discutir Gênero na Geografia. A professora tem em sua trajetória uma vida de luta e de pioneirismo na área de estudos de Gênero na Ciência Geográfica. Por meio dos seus estudos iniciais, as narrativas e explicações das mudanças das paisagens, suas observações sobre o Brasil e o mundo, fez com que Rosa Ester, ainda na segunda série ginásial, a escolher sonhar junto com a graduação em Geografia (SILVA; LEMES & SILVA, 2020).

Professora da Universidade de São Paulo USP, ela sentiu no exercício da ciência Geográfica, dominadas por homens brancos e heterossexuais, o machismo estrutural. Sua conquista do espaço das mulheres na ciência passou por desafios intensos, sendo uma das primeiras mulheres a integrar o quadro de docentes na Geografia na USP, uma das primeiras universidades do Brasil, Rosa Ester se destaca por ser pioneira e precursora da temática de Gênero na Geografia, abrindo caminhos para que pesquisas posteriores também fossem possíveis (SILVA; LEMES & SILVA, 2020).

O início do debate de Gênero na Geografia se intitula com a pesquisa de Rosa Ester por meio da pesquisa na Agricultura Canavieira. Através do artigo “O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo – Brasil” (2006), a autora faz referência a diversos fatores sociais que envolvem os/as trabalhadores/as no corte até a utilização das máquinas na lavoura de cana. Rossini (2006), constata que as

mulheres não é dado o direito de utilizar as máquinas agrícolas sofisticadas, apesar delas compor a maioria em dados demográficos (48,98% de homens e 51,02% de mulheres em 2003 – SP) de acordo com dados SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, houve uma diminuição dos postos de trabalho e a masculinização nos novos engajamentos em relação ao trabalho no canavial paulista.

De acordo com Wajzman et al (1998) toda a sociedade humana possui uma divisão sexual do trabalho, e uma conseqüente diferenciação dos papéis masculinos e femininos. Há exemplo disso, o trabalho da casa, cuidado com as crianças, esposo, são historicamente responsabilidades da mulher, enquanto aos homens, é posto trabalhos de chefia, força e que se sobrepõe à mulher.

Portanto, a análise da categoria Gênero, será expandida nos próximos itens conforme a revisão bibliográfica realizada.

3. Resultados Alcançados

3.1 Cegueira de Gênero em trabalhos acadêmicos sobre o Assentamento Chico Mendes I, Presidente Médici – Rondônia

Na dissertação de LIMA (2019), defendida no programa de pós-graduação mestrado e doutorado em geografia pela Universidade Federal de Rondônia, com o seguinte título: *A Territorialização do Campesinato, Terra e Trabalho: projeto de Assentamento Chico Mendes I (Presidente Médici - Rondônia)*, com enfoque, nas relações de trabalho no campo e a composição da renda familiar, embora a pesquisadora não trabalhasse com a categoria de análise “Gênero”, a palavra mulher aparece onze (11) vezes em sua dissertação, relatando a participação das mulheres desde o acampamento, apresenta a batalha das mulheres durante a estadia no acampamento, onde em sua maioria permaneciam sem a presença dos esposos, pois pegavam serviços (empreitas), fora do acampamento.

Menciona também conflitos no que diz respeito à relação de trabalho no campo e a subordinação e submissão das mulheres nos moldes da família tradicional, com poucas influências nas tomadas de decisões, sendo uma das ramificações da causa da evasão jovem do campo para a cidade. A autora Lima (2019) apresenta também informações levantadas, onde muitas mulheres relatam que o marido é o único responsável pela renda familiar. Em contrapartida, em número pequeno, algumas mulheres afirmam complementar a renda familiar por meio de participação em feiras, produção de artesanato e agroindustrialização de produtos.

Outra obra analisada é da autora Fregolente (2010). Em sua dissertação para o título de Mestre em Gestão Ambiental, defendida em Assunção capital do Paraguai, Fregolente (2010), sob o título – “*SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: a segurança alimentar e nutricional dos agricultores familiares no projeto de assentamento de reforma agrária chico mendes e os impactos causados pela expansão da monocultura do programa de pós-graduação em gestão ambiental*”. Nesta produção científica ALÁDIA FREGOLENTE, desenvolveu pesquisas nos Assentamentos Chico Mendes I, II e III.

Por amostragem, a autora representa um quantitativo de 74 famílias de baixo nível socioeconômico e com escolaridade até o ensino fundamental, representando 30 % da

população total dos assentamentos, com faixa etária de 20 – 50 anos sendo deste quantitativo 44 mulheres.

Agricultoras, mulheres que lutam e labutam diariamente no campo e muitas das vezes são invisibilizadas e geralmente seu trabalho no campo não é visto como composição da renda familiar, e sim como apenas uma ajuda ao marido.

Neste sentido, FREGOLENTE (2010) afirma:

Desse total, 39% estão classificadas como trabalhadoras não-remuneradas e 41.8% como trabalhadoras na produção para o próprio consumo, ou seja, as mulheres têm papel fundamental na atividade agrícola familiar, muito embora ainda persista de forma subjetiva a divisão sexual do trabalho.

Continuando a análise, Fregolente (2010) traz o termo divisão sexual do trabalho, como um fator de neutralização e minimização da importância da mulher no meio rural, isso aumenta conforme a inserção de práticas de cultivo da terra de forma capitalista, onde os espaços agrícolas são tomados por pastagens, condicionando ainda mais o papel da mulher dona de casa, distante ainda mais pelo olhar do marido em relação à composição da renda familiar, pois os serviços domésticos em uma cultura patriarcal não são valorizados.

O artigo “Quem te dará a Terra se não forem tuas mãos: projeto de Assentamento Chico Mendes I (Presidente Médici - Rondônia)”, construído por Lima et. al (2019), retrata a história do Assentamento citado, da luta pela ocupação da terra, porém, não explica a condição da mulher. Durante a leitura da obra, foi possível verificar que a palavra mulher aparece três vezes no artigo, no entanto, apenas para complementar a leitura e fazer referência a importância do homem na conquista e luta pela terra.

Durante a ocupação da terra para formar o espaço do Assentamento Chico Mendes I atual, fala sobre a existência de algumas mulheres, porém, ressalta que os primeiros a ocupar a fazenda foram os homens, como relata Lima et al (2019, p. 23):

No início, apenas os homens ocuparam a fazenda, mas via-se algumas mulheres, depois de alguns meses notando que não havia perigo, dirigiu-se para área o restante de mulheres e crianças, onde atualmente se localiza a Agrovila 1, no lote da Dona Josefa Gomes de Souza. Naquela época a condição financeira era difícil, pois a maioria não dispunha de transporte próprio (LIMA et. al, 2019, p. 23).

A citação da autora deixa claro que, as atividades que demandavam perigo e resistência eram próprias dos homens, mesmo havendo algumas mulheres junto na ocupação, a elas não são retratadas como parte importante do processo, apenas como objetos secundários.

Num outro momento da escrita a autora Lima et al (2019) relata sobre a importância de dar vozes aos camponeses, mas, não se refere especificamente às mulheres. Conforme mostra na citação:

Compreender esse processo de luta pela terra consiste em observar cada relato, dando voz aos camponeses, e atenciosamente analisar cada fala, cada momento, que para eles é algo que tocou sua vida profundamente, mesmo sendo uma vida sofrida, em nenhum momento comentaram que se arrependiam, pois, estar no movimento em busca de um território e

vivenciá-lo foi uma grande conquista. Cada barraco contava uma história, história de 'vida melhor', e assim continua até a contemporaneidade, dentro de seus lotes, cada dia é uma nova conquista, problemas haverá, mas não desistem seguindo na caminhada! (LIMA, et al, 2019, p. 29)

A autora Lima et. al (2019) ressalta a importância de dar vozes aos camponeses, por outro lado, não evidenciou a real participação da mulher e sua importância na ocupação e desenvolvimento dos processos até a legalidade do Assentamento Chico Mendes I, localizado no município de Presidente Médici em Rondônia.

As buscas das obras citadas e analisadas foram realizadas por meio de sites específicos da internet, como Google Acadêmico³ e Capes Periódicos⁴. Foram encontrados títulos semelhantes, porém, estudos específicos sobre o Assentamento Chico Mendes I, em Presidente Médici - Rondônia, não tiveram êxito. No total, foram analisadas três obras entre 2010 à 2021. E, mesmo encontrando pouquíssimos estudos publicados, nestes não foram tratados o tema gênero como categoria de análise específica, e a palavra mulher foi encontrada de forma tímida, sem intensificar uma análise sobre a importância da mulher na ocupação e formação do Assentamento.

Sendo assim, faz-se necessário e será explicado no próximo tópico, a necessidade de viabilizar a condição das mulheres nos Assentamentos e sua participação política em seu lugar de convívio. Além disso, será explanado a categoria de análise Geográfica "Gênero" como suporte teórico para ressaltar a mulher e sua importância em todos os contextos sociais, econômicos e de gênero.

3.2 Epistemologias Geográficas na Construção do Gênero

As mulheres que vivem nos assentamentos cuidam da reprodução da família e participam das atividades agrícolas de pequeno porte, associadas ao abastecimento escolar. O gênero feminino não é reconhecido pelo trabalho que desempenha, pois as tarefas domésticas não geram renda diretamente, e então, o trabalho da mulher se torna invisível (AGNOL & MENDES, 2016).

A atividade socioeconômica da agricultura familiar no Brasil e no que diz respeito à contribuição da mulher em relação ao trabalho é pouco reconhecida. Na pesquisa de Agnol & Mendes (2016) sobre a participação da mulher em assentamentos, uma pesquisa realizada em Minas Gerais, mas com semelhança na realidade de Rondônia, os serviços realizados pelas mulheres dentro da unidade de produção são considerados pelos homens apenas como "ajuda", refletindo a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade de uma forma geral.

Sendo assim, as autoras Agnol & Mendes (2016) deixam claro como ocorre a participação das mulheres nos assentamentos:

Existem alguns casos que as mulheres assumem o lugar do marido dentro da propriedade, fato que se dá pelo divórcio ou mesmo por viuvez, desta forma, essas mulheres adquirem o direito de usufruto sobre a propriedade,

³ O **Google Acadêmico** é uma forma simples de pesquisar literatura acadêmica. Pesquise dentre uma variedade de disciplinas e fontes: artigos, teses, livros, e outros. <https://scholar.google.com.br>

⁴ O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional <https://www-periodicos-capes-gov-br>

o que lhes garante autoridade. Neste caso em específico as mulheres passam a reproduzir os valores patriarcais que orientavam as relações familiares. Dentre estes valores patriarcais reproduzidos encontra-se a obrigação de sustentar financeiramente a família e para tal, cabe à mulher a lida no campo, desenvolvendo atividades de cunho agropecuário, além das atividades que tradicionalmente devem ser desenvolvidas pela mesma, tais como: o cuidado dos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos (AGNOL & MENDES, 2016, p. 19)

Conforme a análise das autoras acima, vamos discutir algumas sugestões de literatura, na intenção de romper com paradigmas estruturalistas e dominantes na ciência Geográfica, na intenção de sugerir novas epistemologias e estudos anticoloniais.

A autora Ana Maria Fernandes (1993) nos permite fazer uma reflexão do paradigma situado à ciência moderna, e se o mesmo poderá ser repensado e transformado para que todas as ciências tenham qualidade em suas pesquisas. A ciência teria sido definida como uma busca de conhecimento visando a dominação e controle da natureza, e talvez a domesticação e planificação da sociedade. Ela foi definida apenas como prática científica, neutra e não como prática social. A natureza enquanto objeto da ciência, foi considerada inanimada, a-histórica e passiva.

Além das tecnologias avançadas e na forma de apropriação de conhecimentos quanto ao avanço do capitalismo. O novo paradigma defendido pela autora foi influenciado também por movimentos sociais como o feminismo, estudantil, negro, movimento ecológico entre outros. Para Fernandes (1993) a intenção de um novo paradigma é o desnivelamento dos discursos, a eliminação da separação entre ciências naturais e sociais, de corpo/alma, sujeito/objeto. A proposta é a humanização da natureza, esta seria colocada como centro da pessoa, e a pessoa seria o sujeito do mundo e centro do conhecimento.

O desafio colocado pela autora é: como esse novo paradigma fará o redimensionamento da aliança entre a tecnologia e o capitalismo. Seria possível? De que forma? (FERNANDES, 1993). Neste sentido, a proposta de novos olhares teóricos à participação das mulheres nos assentamentos também remete aos mesmos questionamentos da autora Fernandes.

Por um viés científico, a Geografia é uma ciência formada por homens brancos e heterossexuais, por isso, há uma invisibilidade em estudos relacionados às mulheres. Na concepção de Popper (1980) o critério que define o status científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada. A ciência começa com os mitos e a crítica dos mitos, não se origina numa coleção de observações ou na invenção de experimentos, mas sim na discussão crítica dos mitos, das técnicas e práticas mágicas (POPPER, 1980).

Corroborando com o pensamento de incluir teorias feministas na ciência geográfica, bem como visibilizar a condição da mulher no meio social, Bachelard ao escrever o livro "Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento" (1996), ele vai delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, e segundo o autor, essa experiência é fundamental para se estruturar o espírito científico, havendo a necessidade de trabalhar sob o espaço, no nível das relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto os fenômenos (BACHELARD, 1996).

Para aprimorar uma reflexão para novas epistemologias femininas no meio acadêmico é necessário ampliar a leitura de filósofas/os como base teórica. A filósofa Hannah Arendt em sua época precisou praticar a resistência e provar através de suas obras para ter

reconhecimento no meio filosófico e político. Ela foi influenciada por diversos autores filósofos, mas criou seu próprio pensamento.

A autora Hannah Arendt faz uma análise do que é ser humano, a partir da perspectiva da ação e do trabalho. O trabalho é uma atividade que se tornou uma necessidade vital para o homem, ou seja, a ele estão ligados os fatores que tornam possível a sobrevivência do homem até o seu natural declínio. É próprio do ser humano construir um mundo artificial, por meio da obra, o homem modifica o mundo e o ambiente em que se encontra, sendo livre para fazer suas escolhas (ARENDR, 2016).

Incentivar a publicação de artigos e obras de mulheres para mulheres é um desafio, assim como falar em novas epistemologias. Por outro lado, existem autores como (BARZOTTO, 2009; SANTOS, 2009; KAPHAGAWANI et. al, 2002) que dizem ser possível e remete leituras anticoloniais, capazes de construir bases heterogêneas na ciência, ou seja, a visibilidade de todos gêneros e fenômenos, que segundo esses autores e autoras, é urgente discutir novas epistemologias.

Neste sentido, propõe-se a valorização da produção cultural local, pensar sem a imposição do outro, sem a caracterização do que vem de fora, isso se faz necessário na América Latina, como forma de valorização e busca de compreensão de seus fenômenos socioculturais. A epistemologia é universal e independente da cultura, tribo ou raça, os meios pressupostos e bases das reivindicações de conhecimento variam de cultura para cultura. Dessa forma, as epistemologias do Sul, Africanas e Amazônicas são procedimentos que visam validar os conhecimentos nascidos contra o capitalismo, o colonialismo e patriarcal, tornando então uma nova maneira de ver o mundo (BARZOTTO, 2009; SANTOS, 2009; KAPHAGAWANI et. al, 2002).

Mas, o que essas teorias têm a ver com a participação das mulheres em assentamentos, especificamente o Assentamento Chico Mendes I, em Presidente Médici - Rondônia?

A cegueira de gênero é uma forma também de dominação capitalista e patriarcal. Rogério Almeida (2020), por meio de sua obra “Amazônia: Pequenas inflexões sobre grandes abacaxis”, faz uma provocação às invisibilidades sobre os diversos impactos ambientais, sociais e de gênero na Amazônia Legal, naturalizando o terror contra as populações nativas/originárias em favor do capitalismo. Deixa isso claro em sua fala:

A execução de pobre é natural. Esteja o indivíduo no interior do Pará, como é comum; ou em uma favela do Rio de Janeiro. Caso seja na Baixada Fluminense, trata-se apenas de lógica pura. Naturaliza-se a questão. É como se os que se arvoram a formadores de opinião exclamassem aos quatro ventos: negro e pobre, o destino só podia ser este. Outra realidade é a parcialidade da imprensa sobre os movimentos sociais das mais tensas fronteiras da disputa pela terra do país impera (ALMEIDA, 2020, p. 177).

Nesse mesmo viés que as mulheres de forma geral estão alicerçadas teoricamente. A possibilidade de criar novas teorias descentralizadas do eurocentrismo é a resistência. De acordo com Almeida (2020, p. 178) “Resistir é o primeiro passo”.

Ao pensar numa Geografia que viabiliza as mulheres nas pesquisas científicas, desde uma base epistemológica anticolonial até formar novos paradigmas de pensamentos filosóficos e geográficos, é além da resistência incluir discussões teóricas em todos os contextos sociais e de gênero que a mulher está inserida, o assentamento é um deles.

A Geografia precisa ser repensada nos congressos, nas publicações, nas universidades. Aziz Nacib Ab' Saber (2007) relatou à jornalista Menezes através da obra "O que é ser Geógrafo": toda vez que o conhecimento geográfico é projetado para um conjunto de pessoas ele passa a ser altamente ético e humanitário. São os geógrafos que cuidam das relações entre homens, comunidades, sociedades e o meio ambiente em que esses componentes básicos do planeta, junto com a vida vegetal e animal, têm seu habitat (AB' SABER, 2007).

Dessa forma, várias abordagens geográficas serão capazes de pensar e novas bases de conhecimentos epistemológicos e ressaltar a categoria de análise gênero como destaque. Outra vertente atual dentro da ciência geográfica é pensar as emoções na Geografia. Segundo Silva (2016) nossa relação com o espaço não é meramente visual ou corpórea, mas também é envolvida por emoções, possibilitadas a partir das nossas experiências e vivências. Experiências essas despertadas em distintos lugares, significativos em que as emoções ficam mais evidentes, podendo ser positivas ou negativas.

E, as mulheres e/ou o gênero feminino está em toda parte, em todos os contextos sociais, nas mais distintas relações humanas, ou seja, em todos os lugares. Outra vertente capaz de elucidar estudos anticoloniais é a Geografia Agrária, atualmente alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas. Esta ciência geográfica no olhar de Gomes (2018) estuda as diversas relações sociais, gênero, econômicas e ambientais, no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

O papel das mulheres nos assentamentos em Rondônia, traz um viés da Cultura Amazônica, e de forma poética Loureiro (2015) reconhece dois grandes espaços sociais tradicionais dessa cultura, ambos com características bem definidas e marcados com uma articulação mútua: trata-se do espaço da cultura urbana e cultura rural. A primeira se expressa na vida das cidades; e a segunda, o âmbito rural, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história.

Sendo assim, faz-se necessário no estudo de mulheres, por e para mulheres, examinar o viés sexista tanto no conteúdo quanto nos métodos e objetivos da pesquisa geográfica. É importante a condução de pesquisas acadêmicas que reconheçam e explorem os motivos e implicações do fato de que as vidas das mulheres são qualitativamente diferentes das vidas dos homens. Pois, uma geografia que evite ou descarte as mulheres, e suas atividades, que se predomine cegueira de gênero, jamais poderá contribuir para uma equidade social, econômica e de gênero (MONK e HANSON, 1982).

Ficou claro no decorrer desta pesquisa bibliográfica que, existem poucas produções relacionadas aos assentamentos rurais, especificamente ao Assentamento Rural Chico Mendes I, do município de Presidente Médici, Rondônia. As mulheres são fundamentais para o manejo e cultivo da terra, elas se preocupam com o bem estar de todos (as) da comunidade pertencente. Este artigo é uma influência e sugestão para a construção de novos estudos de gênero em assentamentos rurais, a fim de tornar visível a luta e resistência das mulheres, além de despertar ações de políticas públicas para esta categoria.

4. Para além das Considerações Finais

Ler, escrever, propor estudos para quebra de paradigmas é falar sobre interseccionalidades, e pensar no tema como um desafio para análise espacial do saber Geográfico. Para Silva &

Silva (2014), existem os sujeitos capazes de produzir o espaço geográfico a partir de uma análise espacial, com estruturas que diminuem as diferenças dos indivíduos.

O objetivo deste artigo foi demonstrar a falta de publicações e trabalhos acadêmicos científicos no assentamento Chico Mendes I, e a participação das mulheres camponesas, desde a liderança comunitária, participação na escola, participação nas associações rurais do assentamento.

Entre outras necessidades, exploramos diversos autores e autoras que trazem em suas bases teóricas sugestões de novas leituras e repensar a geografia como hegemônica, masculina, branca e elitizada. No mesmo ponto em que, algumas vertentes geográficas estão ampliando suas pesquisas, produzindo interseccionalidades no campo científico.

Nosso principal objetivo é evidenciar a participação das mulheres no Assentamento Chico Mendes I, bem como mostrar a falta de publicações e a cegueira de gênero nestes estudos. Notamos então, que há poucas pesquisas sobre o Assentamento Chico Mendes I em Rondônia, e no viés de gênero nenhuma pesquisa realizada no período de 2010 a 2021.

Portanto, num contexto feminista, sugerimos mais pesquisas no assentamento citado e outros, além de explorar a condição da mulher e sua participação em todos os contextos do lugar onde vive. Propomos ainda, mais leituras de autoras ou de autores que se importem com a questão de gênero, a partir da visão feminina, da real protagonista do estudo que se deseja fazer.

A intersecção permite imaginar vários eixos de poder como gênero, raça/etnia, classe, sexualidade, religiosidade, deficiência funcional, entre outros, cada eixo de poder sendo distinto. A interseccionalidade nem sempre se limita à ideia de relações de desigualdade e subordinação, mas pode evidenciar resistências e conflitos. Na Geografia, mesmo usando o termo de forma tímida, cada pessoa vive múltiplas categorias sociais formando sua identidade, e isto nos faz considerar essas identidades como fluidas, instáveis, complexas e em estado permanente de construção e desconstrução (SILVA & SILVA, 2014).

Para os próximos estudos, almejamos ampliar a pesquisa em assentamentos rurais, principalmente no Assentamento Rural Chico Mendes de Presidente Médici, Rondônia, expandindo além do I, para o II e III localizados na mesma região. Outra alternativa será, realizar uma pesquisa de campo com as mulheres de tais assentamentos e/ou lideranças, a fim de construir uma pesquisa com a percepção das mulheres moradoras dos assentamentos sobre gênero, lutas e modos de vida, numa perspectiva geográfica.

5.Referências

1. AB' SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab' Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007. 107p.
2. AGNOL, Jaqueline Dall; MENDES Estevane Paula Pontes. **A participação da mulher no Assentamento Chico Mendes em Ituiutaba (MG)** p. 13-22. In: Sinagi (Simpósio Nacional Gênero e Interdisciplinaridade) 2016: Catalão, GO. Anais do IV Simpósio Nacional Gênero Interdisciplinaridades: faces e interfaces da violência de gênero, de 18 a 20 de maio de 2016 – recurso eletrônico. Catalão: UFG, 2016.
3. ALMEIDA, Rogério. **Amazônia (s)**: pequenas inflexões sobre grandes abacaxis. 1. ed. — Marabá: Iguana, 2020. 242 p.

4. ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. tradução Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. – 13. ed. rev. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2016.
5. BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro : Contraponto, 1996. 316 p.
6. BARZOTTO, Leoné Astride. **Nuestra Cultura Local**: por uma epistemologia das margens. São Paulo: HUCITEC, 1983, p. 194-201. 2009.
7. FERNANDES, Ana Maria. **O Paradigma Clássico versus o surgimento de um novo Paradigma da Ciência e da Tecnologia e suas relações com o homem, a natureza, a história e a cultura**. In: REIS, Elisa P. Natureza, História e Cultura: repensando o social. Sociedade brasileira de Sociologia. Editora UFRGS. 1º Ed. 1993. 167p.
8. FREGOLENTE, Aládia. **Segurança Alimentar e Nutricional**: a segurança alimentar e nutricional dos agricultores familiares no projeto de Assentamento de Reforma Agrária Chico Mendes e os impactos causados pela expansão da monocultura: Assunção-PY: Universidad Tecnológica Intercontinental, 2010, p. 54; 60; 69.
9. GOMES, Ingrid Aparecida. **A produção do Conhecimento Geográfico**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento Geográfico; v. 1). Formato: PDF. 179p.
10. GUNTER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa**: esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210.
11. HUSSERL, Edmund. A Ideia da Fenomenologia. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Ed. 70, 1986.
12. KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. **African epistemology**. In: COETZEE, Peter H. ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.
13. LIMA, Tânia Olinda; PEDROSA Denes Luís Reis; MESQUITA Rogério Nogueira de; XIMENES Danúbia Zanotelli. **Quem te dará a terra se não forem tuas mãos**: Projeto de Assentamento Chico Mendes I (Presidente Médici – Rondônia) p. 16-32. In: FERREIRA Gustavo Henrique Cepolini Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 3) Formato: PDF
14. LIMA, Tânia Olinda. **A Territorialização do Campesinato, Terra e Trabalho**: projeto de Assentamento Chico Mendes I(Presidente Médici - Rondônia), Porto Velho, 2019.
15. LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4º Ed. – Belém, PA; Cultural Brasil, 2015. 424p.
16. MARRADI, Alberto. **Método como Arte**. Catedrático de Metodología. Universidad de Florencia (Italia). Papers 67, 2002 107-127.
17. MONK, Janice, HANSON, Susan. **On not excluding half of the human in human Geography**. The professional Geographer, v. 34, n 1, p. 11-23, 1982.
18. Popper, Karl R. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Editora da UnB. 1980.
19. Rossini, Rosa Ester. **O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada**– São Paulo – Brasil. En publicación: América Latina: cidade,

campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/13rossini.pdf> Acesso em 09/05/2021.

20. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Almedina – CES. 2009. 518p.
21. SANTOS, Roseli Alves dos. **Mulheres e Geografia - Reflexões Pertinentes?** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (campus de Francisco Beltrão), 2020.
22. SILVA, Marcia Alves Soares da. **Por uma Geografia das Emoções**. *GEOgraphia* - Ano. 18 - Nº38 – 2016.
23. SILVA, Maria Das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria. **Introduzindo as Interseccionalidades como um desafio para análise espacial no Brasil**: em Direção a Pluridiversidade do Saber Geográfico. (2014).
24. SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; LEMES, Maria Madalena; SILVA, Hellen Alves da. **Rosa Ester Rossini nos faz acreditar que sonhar é possível**. Site: gepgenerounir.medium.com/08/03/2021. Disponível em: <https://gepgenerounir.medium.com/rosa-ester-rossini-nos-faz-acreditar-que-sonhar-%C3%A9-poss%C3%ADvel-dce9d55252ca> Acesso em 08/05/2021, às 13h10m.
25. Wajnman, S.; Queiroz, B. L e Liberato, U. C, 1998. **“O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil”** em *XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População: Globalização e Exclusão* (Caxambu).